

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**DIAS DE FESTAS: origem histórica do movimento
comunitário em Campina Grande**

LEÔNIDAS MENDES FILHO

Orientador: Josemir Camilo

CAMPINA GRANDE - PB

- 1994 -

LEÔNIDAS MENDES FILHO

DAIS DE FESTAS: origem do movimento comunitário em Campina Grande

Campina Grande - Pb

- 1994 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

"(...) É preciso ter força, ter raça,
ter gana sempre (...)"

(Milton Nascimento)

À meus amigos...

À Mônica...

Capitolo

. Indice

I	6
II	13
III	21
IV	26
V	30
notas	37
bibliografia	40

Capitolo introduttivo

I

A presente monografia é o resultado de ano e meio de pesquisas junto às populações da periferia urbana de Campina Grande e pretende debruçar-se especialmente na questão de como se originaram as lutas dessas populações em busca do atendimento de suas necessidades básicas de vida que culminaram com a sua organização nas chamadas "Sociedades de Amigos de Bairros" ou "Associações de Moradores".

Como a literatura a respeito do tema (principalmente no que se refere a Campina Grande) é muito escassa, vimos-nos obrigados a buscar as respostas junto às próprias populações. Por isso, a maior parte do que aqui escrevemos está fundamentada em entrevistas colhidas com alguns moradores de vários bairros campinenses, especialmente daqueles em que (su)as SAB's têm (ou tiveram) destacada atuação na luta pela democratização do poder público local reivindicando maior participação da população nas decisões governamentais.

Em se tratando de material bibliográfico, muito pouco pudemos encontrar. Especificamente sobre o caso campinense o principal trabalho que consultamos, e com o qual pretendemos estabelecer um diálogo no decorrer destas páginas, foi a monografia de Eronildo Barbosa: "A Origem do Movimento Comunitário Campinense", de 1985 (1). Neste trabalho, o autor defende a tese de

que o "movimento comunitário campinense" surgiu a partir de duas vertentes básicas: por um lado, é fruto de "pequenas organizações de luta contra a carestia de vida surgidas em Campina Grande nos fins da década de 50 e que reuniam donas-de-casa e sindicalistas (2)", principalmente os do setor da construção civil, em geral, também moradores da periferia campinense; por outro, das atividades do Partido Comunista do Brasil (PCB, à época) que, encontrando-se na ilegalidade desde 1947, começava a atuar junto às populações pobres das periferias urbanas "a fim de consolidar 'as bases da Revolução Proletária'" que pretendia (3). (Neste ponto de sua tese, o autor recorre às declarações, obtidas através de entrevistas, de José Pereira dos Santos, "Peba", ex-vereador e líder comunista campinense.)

Nossa abordagem, entretanto, não caminha no sentido da confirmação dessa hipótese. Em primeiro lugar por conta da escassez de materiais bibliográficos. E não são material "secundário"; mas, principalmente de material "primário" (4): a documentação, livros de atas, livros de contabilidade ou de estatísticas ou quaisquer outros tipos produzidos pelas organizações que pretendemos estudar. Infelizmente, os arquivos históricos dessas organizações são inexistente, pois, como sabemos, esses não estão entre suas preocupações mais relevantes; de modo que as informações colhidas em seu acervo nos são "quase" completamente irrelevantes (5).

Segundo porque nossas entrevistas, produzidas em 1992 (6), separadas em 30 anos dos fatos que ora abordamos, per si já se constituem em sério obstáculo para o resgate histórico dessas personagens. Nossos interlocutores, diretores de Associações ou moradores dos bairros, não vivenciaram aquela época posto serem pessoas um tanto jovens. Assim, aqueles que tentaram esclarecer nosso problema atribuíram a origem de suas associações

ou do "movimento comunitário campinense" como um todo a lutas ou reivindicações de que se lembram. De modo que lutas sucedidas há quase 10 ou 20 anos depois dos registros das primeiras SAB's aparecem como mais importante causa do surgimento histórico dessas associações.

Por último, o pouco que conseguimos obter não confirma a hipótese de Barbosa (7). Esse pouco resultou de conversas informais com líderes, diretores de associações de moradores e assistentes sociais que trabalharam com as primeiras associações de moradores campinenses. Foram 03 as fontes que utilizamos: Manoel Medeiros, ex-diretor das SAB's de Santa Rosa e do Pedregal, sendo fundador da primeira, vigilante da sede do **Sindicato dos Urbanitários da Paraíba** (STIUP), em Campina Grande; Maria de Lurdes Lurdinha, assistente social da Prefeitura local lotada na sede da **UCES** (união Campinense de Equipes Sociais) e Alba Neves, assistente social também da Prefeitura e da **UCES**.

Somada a isso, tivemos uma experiência em nosso próprio bairro, onde fomos um dos membros fundadores da Sociedade de Amigos de Bairro do Recanto do Brejo, da qual fui primeiro secretário.

Foi o senhor Manoel Medeiros que nos forneceu a primeira pista. Para ele, o "movimento comunitário campinense" é resultado

do fato de que nossas populações são provenientes do campo e que quando aqui chegam se apegam aos vizinhos e fazem aquelas festas comunitárias; e esses laços que se parecem com os os que eles possuem no Interior, são de amizade. Então, as SAB's surgem do desejo de criar e de se manter rela-

ções, festas, ajudas comunitárias e promover para esse povo o homem, o indivíduo. Era isso o que queria a Irmã Angela Beleza, quando criou os grupos de amigos nos bairros para as alunas estagiarem

(Fonte: Medeiros, M.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992).

Para "seo" Manoel Medeiros as SAB's surgiram para **promover uma vida melhor ao povo pobres dos bairros**, embora reconheça que a decisão para a criação das SAB's provenha da Universidade Regional do Nordeste (atual Universidade Estadual da Paraíba - UEPB) e da Igreja Católica, ambas instituições fundidas na representação da Irmã Angela Beleza, freira vicentina e coordenadora do Curso de Assistência Social da UEPB, durante a década de 60.

Essa informação é complementada por Maria de Lurdes e Alba Neves, assistentes sociais graduadas pela dita universidade sob a coordenação e orientação da própria irmã Angela Beleza. No dizer delas

O movimento comunitário campinense nasceu porque irmã Angela Beleza precisava estagiar suas alunas; e só por isso

(Fonte: Lurdes, M. e Neves, A.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992).

Suas declarações são mais duras

talvez isso explique a deficiência crônica do movimento comunitário aqui em Campina Grande. A única SAB que realmente mexeu com o povo foi

a das Malvinas, e esta não foi criada naqueles tempos.

(Fonte: Lurdes, M. e Neves, A.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992).

Nós não participamos de todo desse extremo, não obstante reconhecamos que o próprio caráter de organizadores de festas dos primeiros grupos comunitários deponha a seu favor. Dizemos isso porque é unanimamente reconhecido por todos os diretores e ativistas comunitários mais antigos que, em seus primeiros momentos e até basicamente meados da década de 80, salvo em algumas ocasiões, as SAB's tinham como principal objetivo promoções sociais: festas, encontros, reuniões e outras mais.

Mas o fato é que as SAB's, o "movimento comunitário campinense", surgem não da organização livres dos moradores e sim da intervenção externa a eles da irmã Angela Beleza. Não é, portanto, por outro motivo que as primeiras SAB's fundadas em nossa cidade foram batizadas de "Equipes Sociais", pela própria irmã Angela, em referência às turmas ("equipes") de estagiárias, suas alunas, e ainda conservado por algumas associações atuais, caso da Equipe Social do Monte Santo, nome oficial da SAB do Monte Santo, um das primeiras criadas em Campina Grande (8).

Para compreendermos essa intervenção da Universidade e da Igreja Católica é preciso que tomemos em conta o panorama histórico nacional e regional em princípios da década de 60. O Brasil vivia anos de efervescência política (9). A nível nacional o governo de João Goulart balançava com as elites dele se afastando posto setirem-se ameaçadas em seus interesses pelas constantes investidas populares em busca de reformas estruturais, as chamadas "reformas de base". Reformas que eram propagandeadas pelos discursos do próprio presidente da República que, sem o apoio das elites que sempre garantiram a governabilidade do Brasil,

tentava o apoio popular como "fiel da balança" política.

Além do governo, outros grupos organizados da sociedade buscavam o povo afim de defenderem seus próprios interesses: a Igreja Católica eram um desses, por exemplo.

É exatamente nesse momento que o "movimento comunitário campinense" nasce. E, sem dúvida, as causas apontadas por Eronildo Barbosa estarão presentes: mas, são as atividades da irmã Angela Beleza que mais nos interessam e que vão marcar e caracterizar as associações de moradores em Campina Grande. A nossa própria experiência junto à SAB de nosso bairro nos fundamenta, ainda que a época seja diversa.

Em nosso bairro, sob a coordenação da Assistente Social Socorro Colaço, da Prefeitura Municipal, residente no bairro, um grupo de moradores começou a se reunir com o fim de organizar uma associação para reivindicarmos junto à Prefeitura melhorias para o bairro (10): o grupo se reunia e ia convidando mais pessoas, promovendo encontros entre elas para que, partindo do conhecimento entre nós, pudessemos nos unir e reivindicar em conjunto nossas exigências. As primeiras reuniões visavam promover uma ligação permanente entre os moradores e associados para que a SAB não se esvaziasse no dia seguinte ao nosso encontro.

Segundo Socorro Colaço

essa é a estratégia usada em todas as fundações de SAB's orientadas pela Prefeitura.

(Fonte: Colaço, S.. entrevista informal ao autor. Campina Grande, 1992).

Vale dizer que ela foi aluna orientada pela irmã Angela Beleza, na Faculdade de Assistência Social da UEPB, onde graduou-se.

Agora, que demonstramos como se deu o surgimento das primeiras associações de moradores de bairros em Campina Grande, cabe-nos esclarecer, mais detalhadamente, a partir de nossas fontes, a papel do Estado e dos outros grupos políticos que influenciaram no surgimento e no funcionamento daquelas. Devemos a partir de agora ter sempre em conta que, em 1964, um golpe de Estado de cunho militar interrompeu o processo de democratização política e social que então vivíamos instalando um ditadura que passaria a perseguir e vigiar todas as organizações da sociedade civil, políticas ou não, que pudessem representar alguma ameaça a "ordem por ela instituída. Essa ditadura, no entanto, parece incentivar as organizações de moradores dos bairros das cidades (ainda que ou principalmente) para controlá-las, como veremos adiante.

II

Como sabemos, a 31 de março de 1964, um golpe militar derrubou o presidente João Goulart e pôs fim ao período de **democracia liberal-populista** (11) que fora inaugurado com a Constituição de 1947. Este período está marcado na História do Brasil como um período de ascenso na participação popular (classes trabalhadoras; da cidade, principalmente, mas também do campo) na vida política. Na Paraíba (12), o desenvolvimento capitalista no campo (com a mecanização da produção) rompera os laços tradicionais da relação terra-proprietário-trabalhador que marca a estrutura sócio-econômica nordestina desde de meados de século XIX, quando o açúcar cedeu a primazia das exportações brasileiras ao café (13).

Esclarecendo: a estrutura sócio-econômica paraibana era marcada por relações **pré-capitalistas** (14) em que a terra principal meio de produção, estava concentrada, como ainda está, nas mãos de poucos proprietários que permitiam à massa camponesa explorá-la para sobreviver em troca de parte da produção. (José Lins do Rego na sua série "Ciclo da Cana-de-Açúcar", editado pelo José Olimpyo Editora, em 1979, descreverá bem a economia açucareira no Brejo Paraibano.) (15)

Esse quadro foi rompido pela expansão capitalista da década de 50 que expulsou do campo uma massa de trabalhadores

que virão povoar as periferias das cidades, mas que antes tentara reagir lutando por sua permanência na terra através de pequenas associações que ganham vulto nacional: as **ligas camponesas**. As ligas terão na Paraíba um dos mais marcantes e macabros cenários onde mortes, chacinas e violências de toda ordem (em alguns casos legitimadas pelas autoridades) (16) serão os principais argumentos para expulsão dos camponeses para as periferias das cidades. E muitos desses camponeses terão em conta sua experiência nas **ligas** ao chegarem nas cidades. Campina Grande, por exemplo, teve um surto de crescimento populacional motivado pelo comércio o algodoeiro, na década de 50, e aparece como pólo atrativo para essas massas trabalhadoras (17).

Nossa primeira hipótese para compreender a interferência estatal nas organizações de moradores das periferias urbanas deriva destes fatos. Em nosso entender, o aparente interesse do governo João Goulart em organizar as classes trabalhadoras em torno das tais **reformas de base** através de instituições que ele controlasse, muito contribuirá para a disseminação das organizações de moradores urbanos. Por outro lado, após a instalação da ditadura militar, os governos pos-64 precisavam se antecipar aos grupos de oposição para não sō desmantelá-los, como também para ganhar espaço junto as camadas mais pobres da sociedade tentando a hegemonia política para seu projeto para o Brasil (18).

Severino Baiano, fundador e ex-diretor da **Equipe Social do Monte Santo**, Djalma Souza, fundador e diretor da mesma e José Joventino, fundador e ex-diretor das SAB'S da Liberdade e do Jardim Paulistano, bem como Manoel Medeiros, através de entrevistas, ajudam-nos a esclarecer melhor. "Seo Manoel Medeiros até hoje fala com certo receio sobre aqueles tempos e pede ao ouvinte cautela aconselhando a procurar "gente de peso" para confirmar o que ele diz.

O pessoal que veio do Interior trouxe duas coisas boas: primeiro o tipo de relação que eles têm entre si, e que é diferente dos da cidade, e que eles mantiveram aqui; a outra, era o exemplo das ligas camponesas, a luta e a esperança

(Fonte: Baiano, S.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

Ou, para "seo" Manoel Medeiros

foi a união que o povo do Interior trouxe. As ligas só funcionaram por causa disso; e as SAB's também

(Fonte: Medeiros, M.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

É o que dizem tanto Severino Baiano quanto Manoel Medeiros para justificar o surgimento das SAB's.

Mesmo acreditando nisso, pensamos ser necessário reconhecer a intervenção estatal e da Igreja Católica junto aos primeiros grupos comunitários. Nossa opinião se fundamenta nos depoimentos que recolhemos (19) quanto em nossa pesquisa em jornais da época. Havemos, pois, de considerar as **subvenções**, os fundos financeiros usados pelas associações de moradores campinenses para garantir seu funcionamento. Em geral, as associações não recebem ajuda financeira oficial. Todos os interrogados a este respeito o afirmaram. As mensalidades dos associados são irrisórias: de 0,25 a 0.50 reais (20); sendo que a maioria dos domicílios não as pagam. De modo que as despesas de algumas associações de moradores campinenses são pagas por **políticos**; ou por conta das bolsos de alguns membros da direção que, em compensação, monopolizam as associações tratando-as como propriedades pessoais.

Isto pudemos sentir em nossas visitas aos bairros: na maioria das SAB's campinenses os assuntos "orgânicos" são tratados diretamente pelo presidente das associações ou por pessoas de "sua confiança". (Podemos afirmar que, pelo menos onde fomos recebido em geral, tratamos com os presidentes de associações.)

Na década de 60, as chamadas SAB's (equipes sociais, a época) recebiam ajuda financeira do governo federal.

As associações nomeavam um procurador em Brasília, um deputado... O nosso (SAB de Santa Rosa) era o deputado Carlos Gueiros (sic), do Rio de Janeiro. Ele recebia o dinheiro e nos enviava... Coisa pouca, mas deu pra comprar umas cadeiras, um filtro, uns copos e pra mandar fazer uma mesa pra SAB

(fonte: Medeiros, M.. entrevista ao autor, Campina Grande, 1992.)

Medeiros, porém, não soube descrever precisamente o processo. E nós não conseguimos contatos com alguém que pudesse fazê-lo, mesmo entre os nomes de "gente de peso" sugeridos por ele.

Pelo que entedemos, entre os anos de 1964 e os meados da década de 70, o governo federal enviava às SAB's recursos financeiros para que essas pequenas associações de moradores urbanos pagassem suas despesas e suprissem suas necessidades monetárias, por meio de cotas para alguns deputados. Em troca, ele mantinha dentro dos quadros comunitários um "vigilante" para assegurar-se de que as associações não fugiriam de seus fins **que eram humanitários, não políticos** (21), nos assevera Liberato Vidal, ex-dirigente das SAB's da Palmeira e da Liberdade e da UCES:

Esta, aliás, fundada em 1967, pode nos fornecer um exemplo de intervenção governamental. A UCES foi

criada não pelo desejo das várias associações existentes à época; e sim, de uma decisão da Prefeitura de Campina Grande a fim de tentar controlar as ações daquelas e ser o órgão articulador de novas associações

(Fonte: Lurdes, M. e Neves, A. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

Seu próprio nome deixa isso claro: não é União das Associações de Moradores de Bairros de Campina Grande, mas União Campinense de Equipes

Sociais Sociais

(Fonte: Lurdes, M. e Neves, A.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

em referência às turmas de estagiárias da Faculdade de Assistência Social. Mesmo hoje, a UCES desempenha o papel de "elo de ligação" entre a Prefeitura Municipal e as associações. Por exemplo, para ser reconhecida como representante dos moradores de um bairro, a associação do bairro deve ter seus estatutos registrados; sendo que esses devem seguir o **estatuto-padrão** da UCES, formulado na década de 60, e marcado pela

burocratização das entidades, que faz da Diretoria da Associação a cabeça das SAB's e que estrangula a participação do povo,, dos moradores

(Fonte: Medeiros, W.. Eleições na UCES.

Campina Grande: Jornal da Paraíba, jul/1994.)

Segundo esse autor, ex-dirigente da UCES, o estatuto-padrão é o principal responsável, ao lado do Programa do Leite, pelo esvaziamento das associações comunitárias campinenses

pois, fez dos diretores e líderes de associações verdadeiros despotas e da população, mero participante codjuvante

(Fonte: Medeiros, W.. op. cit.).

Podemos citar outro exemplo da intervenção governamental nas associações de moradores campinenses. É unânime entre os dirigentes das SAB's campinenses que o governo do prefeito Willams Arruda foi o melhor momento nas relações associações-Prefeitura (22). Sua mais marcante obra em relação às associações de moradores foi a distribuição de terrenos e materiais de construção para a edificação das sedes de várias associações; isso quando a própria Prefeitura não as ergueu (ou mandou fazê-lo) por sua conta e sem a participação dos moradores.

As sedes demonstram as intenções do poder público. São construções que se caracterizam pela padronização, independentemente das necessidades das associações: são edifícios grandes e espaçosos, nas quais se destacam os salões de festas. Todas as sedes os têm, posto servirem também pra reuniões de Diretoria ou de Assembléia Geral. Suas dimensões, entretanto, deixam claro que este é seu segundo fim, especialmente se se tem em vista que o número de associados das SAB's, mesmo em épocas de ascenso do movimento comunitário e nos bairros mais populosos, é muito pequeno, variando entre 2000 (dois mil), nas maiores associações, e 50 (cinquenta), nas menores (23).

Com isso a Prefeitura Municipal "cumpria suas obrigações" e determinava sua estratégia no trato com as associações de moradores: mantê-las longe da "política" e dedicadas às promoções, festas, encontros, campanhas humanitárias ao lado, como auxiliar do poder público. Gostaríamos de tratar desse assunto mais adiante; agora, devemos falar sobre a relação movimento comunitário-Igreja Católica.

Desde logo, queremos deixar claro nosso limite para tratar desse assunto visto não termos conseguido manter contatos com quaisquer membros de pastorais católicas daqueles tempos. Mas, esclareçamos, que ainda hoje a participação de catequistas junto às associações de moradores é uma constante, em Campina Grande. Nossas entrevistas e conversas informais com moradores de vários bairros campinenses o confirma. E essa participação vai desde o empréstimo de "espaços religiosos" (Igrejas, salões paroquiais, etc.) até o envolvimento direto de membros do clero em eleições ou nas organizações das associações.

Nossas primeiras reuniões eram na Igreja, graças a um espaço cedido pelo vigário da paróquia

(Fonte: Medeiros, W.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

É o que nos afirma, por exemplo, Wanderley Medeiros, ex-dirigente da UCES e fundador da SAB do Jardim Quarenta.

Já Djalma Souza, da Equipe Social do Monte Santo, diz:

Nós até admitimos que a Igreja Católica ajude as SAB's, que convoque os moradores a integrarem-se às associações; o que não nos é admissível é que façam, como temos visto em muí-

**tos lugares, campanhas do púlpito
da Igreja para esta ou aquela cha
pa, para este ou aquele grupo**

(Fonte: Souza, D.. entrevista ao autor.

Campina Grande, 1992.)

Infelizmente, ele se esquivava de citar os nomes dos lugares em ' que isto aconteceu.

Essa prática da Igreja Católica vem desde as primeiras associações campinenses. Já sabemos que a grande fundadora de SAB's, em nossa cidade, foi a irmã Angela Beleza, freira ' católica. Mas, sua intervenção não se deve apenas ao seu catolicismo e nem mesmo ao fato de que, naquele momento histórico, a Igreja Católica desenvolvesse um trabalho junto às classes trabalhadoras tanto do campo quanto da cidade (24). Pois, levando-se em conta a opinião de Eronildo Barbosa (25), os católicos disputavam com o PCB a hegemonia política junto às classes subalternas (26) da sociedade e o **status** de principal fomentador de associações de moradores em Campina Grande. Isto pode ser constatado pelo caráter e objetivos de nossas primeiras SAB's: **mais humanitário que político**. É disso que trataremos a partir de agora.

III

As primeiras associações de moradores urbanos de Campina Grande tinham como principal preocupação a **promoção do indivíduo**, foi o que nos afirmou Manoel Medeiros (27). Para ele promoção significava a criação de espaços onde a sociabilidade, mas não cidadania, como querem uns (28), pudesse ser aprimorada. A convivência, o conhecimento pessoal, a vizinhança viesse a desembocar em união e lutas por melhorias para os demais moradores da comunidade, como aconteceu nos bairros de José Pinheiro e de Santo Antônio, onde se iniciaram o estágio das alunas da Faculdade de da Assistência Social (EUPB) com as **equipes sociais**, de que já falamos no primeiro capítulo dessa monografia.

Essas **equipes** serão os responsáveis, ainda no primeiro ano de trabalho (Quadro I), pelo primeiro embate daquelas comunidades junto ao poder público municipal. Em fins de 1963, a população daqueles bairros reivindicaram através de um abaixo-assinado organizado pelas **equipes sociais** à Prefeitura Municipal a construção e total pavimentação (29) de uma ponte sobre o canal que a separava da cidade. O prefeito Newton Rique lhes atendeu e a ponte foi construída ligando os bairros e suas populações à cidade. (30).

Segundo nos afirmaram nossos entrevistados, a organização da comunidade em torno daquela reivindicação foi possibilitada pelas promoções sociais que as **equipes sociais** com o duplo intuito de colocar os moradores dos bairros em contatos mais estreitos e para se obter fundos financeiros para as associações. Fundos algumas vezes indevidamente apropriados por dirigentes de algumas associações comunitárias. Outra eram reinvestidos na estruturação das sedes das associações para a preparação de novos encontros. Essa é, pelo menos, a opinião de dois líderes comunitários com que falamos: José Cristóvão de Andrade, ex-diretor da SAB do Quarenta, e Manoel Medeiros (31), já citado. Segundo eles,

pela quantidade de festas que eram realizadas, as SAB's deveriam ser ricas... se alguma coisa ficasse pra elas...

(Fonte: Andrade, J. C. de. e Medeiros, M. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

Outra base para essa nossa afirmação a respeito do caráter de promotor social das primeiras associações de moradores campinenses, bem como dos primeiros anos da ditadura militar, vem de nossas pesquisas nos acervos históricos das Arquivos das várias SAB's visitadas. O pouco que conseguimos colher é fruto de consultas em livros de atas ou de assinaturas (32) que, geralmente, eram mal-organizados e sua decifração quase impossível. Vimos, nos livros de atas principalmente, que se tratavam mais de assuntos internos (materiais para as SAB's, ofícios, cópias de abaixo-assinados) ou de promoções sociais (festas, encontros comunitários e outras mais), realizados ou por realizarem-se; referências a brigas durante as festas, a insegurança e falta de respeito; ou ainda tratando de reclamações de sócios das

entidades pedindo a seleção dos participantes das promoções organizadas pelas SAB's e limitassem essa participação aos associados e seus familiares.

Para exemplo citaremos um caso, colhido nas pesquisas nos Arquivos da SAB do Quarenta, em seu Livro de Atas de 1985. Trata-se da expulsão de um diretor da entidade por ter ele sacado de um revólver durante uma festa na sede daquela associação. Exigia que a **iluminação condissesse com o ambiente familiar da SAB**: as luzes haviam sido diminuídas para os casais de namorados dançarem. (33)

Outro argumento favorável à nossa hipótese ' de as SAB's campinenses não possuíam objetivos políticos nos primeiros anos de movimento comunitário vem do meio que utilizavam para se relacionar com o poder público municipal, em especial no momento de aquisição de suas sedes. As SAB's campinenses receberam suas sedes, o terreno e o material de construção (há SAB's que receberam as suas sedes já edificadas) da Prefeitura Municipal no Governo de Willams Arruda, interventor federal nomeado pela ditadura militar para administrar Campina Grande no período ' 1968-1972.

Essa antecipação do poder público local às reivindicações das comunidades, para nós, representa as intenções partenalistas e desaglutinador das associações: oferecendo previamente às comunidades um espaço para suas associações o poder público municipal desmantelava uma possível soma de forças reivindicatórias representando a comunidade. Além disso, a Prefeitura estabelece junto aos moradores e líderes comunitários uma **boa imagem** sua evitando confrontos.

Isso pode ser confirmado através de conversas e entrevistas com muitos líderes de associações mais antigas: eles são unânimes ao lembrarem-se do governo de Willams Arruda

doador não das sedes de nossas associações, mas também de todos os objetos e materiais necessários ao seu funcionamento

(Fonte: Souza, D.. entrevista ao autor. Campina Grande, 1992.)

Outros líderes lhe fazem coro. É o caso de Severino "Biu" Baiano do Monte Santo, José Joventino, Jardim Paulistano, Miguel Araújo de José Pinheiro, Raimundo Barneiro, Pedregal. (34).

A doação das sedes revelam a intenção do poder público. As edificações foram projetadas para girarem em torno de um grande salão (o salão de festas. Este, pro suas dimensões, extravasam as necessidades das associações em sua estruturação arquitetônica. Eles regularmente serviam para as Assembléias Gerais e para as Reuniões de Diretoria (35). E, mesmo nas maiores associações e nos bairros mais populosos, a participação da comunidade nessas reuniões é ínfima; testemunhamos isso pessoalmente participando desses encontros comunitários nos diversos bairros da cidade. Por esses salões podemos constatar que a Prefeitura desejava a associações concentradas nas promoções sociais.

A partir da década de 80 (36), os salões de festas das associações ganham outras funções. As transformações políticas a nível nacional tornam comuns as visitas e palestras de políticos locais às SAB's. Esses encontros eram realizados nos salões de festas. Outra coisa: algumas associações passam a utilizar aqueles espaços para oferecerem à comunidade cursos profissionalizantes ou escolas primárias para a população mais carente com auxílio da Prefeitura.

Sobre esses fatos falaremos mais adiante, no capítulo que se segue.

IV

Ao iniciar a década de 80, o regime militar cambaleava em consequência da falência de seu modelo econômico (36), da reorganização política de parte da sociedade civil nos movimentos pró-Anistia e mesmo na reação sindical de fins da década de 70 e da abertura política iniciada ainda no governo de Ernesto Geisel, em 1974.

Em 1983, a campanha das **diretas-já** marca o so erguimento da sociedade ante o regime militar. Essa campanha mobilizou toda a sociedade na luta por eleições diretas para presi dente da República e fez as organizações políticas (os partidos de oposição ao regime) buscarem as associações de moradores das periferias urbanas em apoio à luta pró diretas. Como consequênci as desses acontecimentos as SAB's revisaram seus fundamentos que até então superestimavam a ação de seus dirigentes. O próprio câ rater nacional-popular da campanha possibilitou aos quadros comu nitários uma renovação através da adesão de estudantes envolvidos na campanha das diretas, militantes dos partidos de esquerda, es pecialmente o Partido dos Trabalhadores (PT).

Transformações políticas em nível local também terão efeitos sobre o movimento comunitário campinense nesse momento de transformação. A eleição de Ronaldo Cunha Lima, pelo Par tido Democrático Nacional, principal partido de oposição à época,

bairros onde havia uma maior influência dos partidos e grupos políticos de esquerda, consolidando ainda mais a relação entre as associações de moradores e esses partidos. Essa releção, em nosso entender é superestimada, por exemplo, por Eronildo Barbosa (38) que a localiza desde os primeiros momentos do movimento comunitário campinense, inclusive, como já firmamos a algumas páginas atrás, atribuindo ao PCB (partido Comunista Brasileiro) o mérito de ter inaugurado (ou ter sido quem mais contribuiu para o fato) o movimento comunitário em nossa cidade.

Também já refutamos esse argumento. E entendemos que a relação movimento comunitário-Partidos políticos derivou mais da ação dos governos municipais que, procurando deter avanços de partidos oposicionistas junto às comunidades de bairros, instalou seu próprio partido em algumas SAB's.

Outra causa que muito contribuiu para a consolidação em bases mais autônomas do movimento comunitário campinense foi o surgimento da **Associação de Moradores das Malvinas**, em 1983. Malvinas é o nome popular do Conjunto Álvaro Gaudêncio construído pelo governo estadual a partir de financiamentos da Caixa Econômica Federal e da Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP). Esse conjunto, em março de 1983, foi ocupado por algumas famílias (39). O governo estadual acionou imediatamente a polícia, que cercou o dito conjunto não permitindo a trânsito de pessoas entre o conjunto e a cidade. Nessa mesma época, o governo da Argentina cercou as chamadas Ilhas Malvinas, ocupadas desde muito pela Inglaterra. A ironia popular não perdoou batizando os conflitos entre os ocupantes do conjunto e o governo estadual de "Guerra das Malvinas". Quando a guerra, o conjunto continuou sendo chamado de Malvinas.

Imediatamente após a ocupação do conjunto (40) alguns moradores cogitaram a criação de uma associação de morado

res para defender a permanência dos ocupantes nas casas e reivindicar junto aos governos estadual e municipal a infraestrutura para o conjunto: água, saneamento básico, eletrificação, transportes, etc.. A associação, até hoje, luta pela permanência e pelo reconhecimento da posse de muitas casas pelas famílias ocupantes orientando-as à união e à resistência frente qualquer arbitrariedade governamental.

Foi também graças à postura radical em defesa dos ocupantes que a Associação de Moradores das Malvinas conseguiu muitas melhorias para o conjunto (hoje, bairro) das Malvinas. Pelas atas de reuniões da Associação que pudemos consultar pesquisando nos Arquivos da mesma vimos como as várias lutas (pela permanência nas casas, contra taxas e prestações impostas pelo governo estadual e por outras reivindicações) muito contribuirá para a consolidação daquela associação junto aos seus representados.

A associação sempre assumiu uma postura independente ante o poder público. O reconhecimento oficial da ocupação, por exemplo, não se deu senão através de muitas lutas, passeatas, protestos de toda ordem. Ante o governo estadual a Associação reivindicou junto à CEHAP a conclusão e total infraestruturação do conjunto e a supressão de quaisquer taxas não fundamentadas em Lei e defendeu conjuntamente todos os ocupantes através de causas legais, também impetradas em conjunto.

Ante o governo municipal, a Associação exigiu melhorias para o bairro: calçamentos, transportes, telefones públicos, postos de Saúde, etc.. Exigiu, junto ao recém-eleito, Ronaldo Cunha Lima, Prefeito municipal na época, um posicionamento em defesa das famílias ocupantes: seja através de benefícios públicos para o conjunto, seja através da interferência junto ao governo estadual pela regulamentação da posse das casas.

Todas as atividades da Associação estão caracterizadas pela independência política com que foram executadas, sem qualquer atralamento a partidos políticos ou ao governo municipal, e pela defesa intransigente da população do bairro. É por isso que a Associação de Moradores das Malvinas é considerada o mais completo exemplo de associação de moradores de Campina Grande, nessa "nova" fase. Ela consolidou a prática do diálogo e do enfrentamento do movimento comunitário campinense ante os poderes públicos, mesmo diante da cooptação velada das pessoas e de algumas lideranças.

Para concluir, resta-nos esclarecer ainda dois pontos mais. O primeiro diz respeito à organização interna da associação e de suas eleições. O segundo, é sobre o Programa do Leite, que em nosso entender foi um dos maiores responsáveis pela desarticulação do movimento comunitário de Campina Grande, como veremos no próximo capítulo.

V

Como já o afirmamos, as associações de moradores em Campina Grande eram regidas pelo **estatuto-padrão** da UCES. Este determina duas instâncias decisórias para as SAB's: a **reunião de Diretoria** e a **Assembléia Geral** dos associados.

A Assembléia Geral é o órgão máximo de deliberação das associações de moradores. Trata-se de uma reunião temporário (mensal, na maioria dos casos) dos sócios para discussão e deliberação a respeito das decisões e necessidades das entidades. Todos os sócios em situação regular na entidade pode participar e interferir através de votações. É considerado o principal meio de interferência das comunidades nas associações.

A reunião de Diretoria tem, em geral, caráter mais administrativo. Trata-se de encontros regulares da direção das associações e do conselho fiscal para deliberar sobre as soluções para os problemas das associações ou dos moradores do bairro.

As eleições completam o quadro. É o momento da intervenção da comunidade nas associações. Nesse momento fica nítido o significado da associação para o bairro. Tanto mais esteja envolvida com a associação, mais a população participa dessas eleições. As várias forças da comunidade se articulam dando-nos um microcosmo de todas eleições brasileiras com as acusações

entre os candidatos, a coleta ilegal de fundos, etc.; e são, geralmente polarizadas pelos grupos de oposição e pela Prefeitura. Esta sempre tentando se articular no interior das associações para evitar a consolidação de grupos oposicionistas nas associações.

Pudemos acompanhar o processo eletivo em várias associações; em algumas as disputas foram por demais acirradas. Em Bodogongô, por exemplo, vimos a sede da **Associação Pró-Melhamentos para o bairro de Bodogongô** ser invadida por uma das chapas que disputavam as eleições, em fevereiro de 1991, sob orientação do representante da UCES, momentos antes de se iniciar o pleito. As chapas não haviam chegado a um acordo sobre a data de realização das eleições (41).

Em outro bairro, o Pedregal, onde as eleições ocorreram em janeiro de 1991 (também as acompanhamos pessoalmente), vimos uma acirrada disputa entre cinco chapas, cada qual representando um grupo envolvido com a SAB. Um do PT; um da Igreja Católica; dos protestantes; da Prefeitura e do PMDB e outro "independente". O pleito foi realizado e anulado por várias vezes; o grupo "independente" sagrou-se vencedor, depois de muitas brigas e ameaças. (42)

Já nas Malvinas, de que também já falamos um pouco, e que é um dos mais populosos bairros da cidade tendo uma associação muito popular, vimos a prefeitura financiar assumidamente uma das chapas que disputaram as eleições, em agosto de 91. Carros-de-som, canisetas, bonês, bandeiras, santinhos, como em qualquer eleição, foram distribuídos pelo bairro; eleitores comunitários foram transportados até o local de votação, pelas duas chapas em disputa. O então presidente do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores(PT), Jairo Oliveira, em entrevista, no local da votação, nos informou que a seu partido interessava mui

to manter à frente daquela associação um grupo ligado a ele (43).

Nessa associação a disputa se tornou tão acirrada que a chapa derrotada no pleito comunitário criou a **Sociedade de Amigos do Bairro das Malvinas**, sob patrocínio da Prefeitura Municipal e orientação da UCES. Hoje, essa comunidade (a Malvinas) possui duas associações: a Associação dos Moradores das Malvinas, a primeira, e a Sociedade de Amigos do Bairro das Malvinas.

Quanto ao chamado Programa do Leite, podemos dizer que foi criado pelo governo de José Sarney, em 1986, como parte de um programa de reforço alimentar para as populações carentes das periferias urbanas, ficando sua gestão a cargo das associações de moradores de cada comunidade, através dos chamados **tiques do leite**.

Internamente, o Programa do Leite foi recebido de duas formas pelas associações. De um lado os que aceitavam sua gestão afirmando que a grande maioria dos moradores das periferias urbanas são carentes e precisavam de assistência. Além disso, com sua administração ao controle das associações, estas poderiam atrair mais membros da comunidade para seus quadros.(44)

Do outro, ficaram os que pensavam que o Programa do Leite só trouxe confusões e desagregação para as associações. E, de fato, podemos afirmar, a partir de nossas pesquisas nos arquivos de várias associações, que enquanto durou o Programa todos os esforços das associações se concentraram em sua administração. Na maioria dos arquivos, os acervos se compunham quase exclusivamente da documentação do dito Programa. Eram declaração de renda, fichas de pessoal, comprovantes de residência, etc..

Não raro, esses documentos traziam notícias de confusões e brigas pelo controle interno do Programa nas associações. Controlar a distribuição dos **tiques de leite**, em muitas

associações, passou a significar, a partir de fins de 1987, o controle de toda associação.

Uma outra face das desavenças provodadas pela luta para controlar a distribuição dos **tiques** foram as denúncias de todos os tipos que surgiam em torno dos diretores das associações. Denúncias de desvio de **tiques**, de utilização dos mesmos em negócios na comunidade como se eles fossem moeda corrente e outras mais se tornam comuns nos livros de atas das várias associações. Eram também muito comum denúncias sobre nepotismo dos dirigentes da associações na gestão do Programa. (45)

Para nós, o assistencialismo do programa **per si** já feriam os princípios comunitários que regiam as associações. Mesmo se reconhecendo a carência das comunidades de nossas periferias, não podemos deixar de concordar com aqueles que afirmam que o Programa do Leite não passou de um golpe político do poder público nas associações comunitárias. Percebendo a crescente esquerdização política das associações, o poder público vê no dito Programa a possibilidade de manutenção do assistencialismo no interior das SAB's: os dias eram de lutas, mas o governo insistia em manter as associações apenas como promotores de festas.

O Programa do Leite, então, nos parece uma reutilização da estratégia da ditadura militar que, na década de 60, viu nas promoções culturais o meio de controlar as SAB's paternalisticamente.

Quando o programa foi suspenso, em 1990, pelo presidente Fernando Collor, as associações viram-se esvaziadas. Aquelas pessoas realmente interessadas em trabalhar com a comunidade se afastaram para não se verem envolvidas em pelo denunciamento de que já falamos. A população carente dos bairros, sem o leite para seus filhos, abandonaram as associações. Os dirigentes que se engajaram ao Programa, sem meios de atender seus interes-

para a Prefeitura Municipal, em 1982, (37) teve fundamental importância na reestruturação de nosso movimento comunitário. E, a seu lado, a fundação da Associação de Moradores das Malvinas.

Como já o dissemos, no início da década de 80, o modelo econômico imposto pelos governos militares falia. Essa falência fica claro a partir de 1983, quando a crise econômica atinge seu ápice. Um ano antes, em 1982, o povo brasileiro já dera sinais de descontentamento votando na oposição, então encabeçada pelo PMDB. Campina Grande segue esse exemplo: Ronaldo Cunha Lima, daquele partido, foi eleito prefeito municipal em campanha muito disputada com o candidato do governo, Vital do Rego, de Partido Social Democrático (PDS).

A campanha de Cunha Lima foi marcada por apelos à participação democrática dos movimentos sociais em sua administração. Cunha Lima soube aproveitar-se do clima de insatisfação da população campinense instalando nas associações de bairros pessoas para prometer participação das associações comunitárias em seu governo. Quando, assumiu, entretanto, o candidato do PMDB mostrou que a participação política das associações de moradores de bairros se daria através de líderes comunitários por ele apadrinhados mantendo o assistencialismo e o paternalismo, negociando diretamente com esses líderes as necessidades das comunidades, evitando enfrentamentos com as associações.

Como resultado, tivemos

**alguns beneficiados tornaram as
associações clubes recreativos**

(Fonte: Medeiros, W.. Entrevista ao autor. Campina Grande, 1992).

De todo modo, o movimento comunitário criara algumas bases mais sólidas e algumas associações se destacaram resistindo à cooptação política da Prefeitura, especialmente nos

ses particulares, também se afastaram das SAB's.

Hoje, as associações de moradores se encontram praticamente sem qualquer força mobilizadora. Enquanto desenvolvíamos este trabalho podemos constatá-lo seja em nossas visitas às sedes das associações pelos vários bairros campinenses, seja através de nossas entrevistas com moradores e líderes comunitários.

Notas

1. BARBOSA, Eronildo. **A origem do movimento comunitário campinense**. Campina Grande: UFPb/DHG, 1895. (mimeo)
2. idem.
3. ib idem.
4. CARDOSO, Ciro F.. **Uma introdução à história**. 5ªed. Petrópolis Vozes, 1990. pp.: 95 3 segs. Todo o método aplicado nesse trabalho está fundamentado nas sugestões deste autor.
5. Os arquivos de SAB's que consultamos foram: o da SAB de Bodoquingô, Pedregal, Quarenta, José Pinheiro, Malvinas. O material colhido foi oferecida ao projeto URBANIZAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS e RELAÇÕES de PODER em CAMPINA GRANDE: 1964-1990, coordenado pelo Departamento de História e Geografia/UFPB.
6. Foram entrevistas vários líderes comunitários, entre eles: José Crisóstovão de Andrade, Manoel Medeiros, Liberato Vidal, Wanderley Medeiros, Djalma Souza, Severino Baiano, José Joventino, Geraldo Medeiros, Vicente Gouveia, Rivonize Araújo, Paulo Vieira, Manoel Baltazar e Miguel Araújo. E mais as assistentes Sociais Alba Neves, Maria de Lurdes e Socorro Colaço.
7. BARBOSA, E.. op cit.
8. NEVES, Alba. **depoimento ao autor**. Campina Grande, mar/1992.
9. BARROS, Edgar. **Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Contexto, 1990. Especialmente, a chamado "período liberal-democrático: 1947-1964".
10. Ainda sou o primeiro secretário dessa associação. O motivo que nos fez reunirmos foi a luta por melhorias para o bairro que moramos e não promoções sociais, como afirmamos para as primeiras associações, especialmente por conta do tempo que nos separa daquelas.
11. BARROS. E.. op cit.
12. As informações sobre a economia paraibana provêm de nossas a

- atividades no curso de História do Nordeste ministrado pela professora Rosilene Montenegro/DHG/UFPb.
13. idem.
 14. ib idem.
 15. Principalmente REGO, José Lins do. **Usina**. Rio de Janeiro: José Olimpyo Editora, 1963.
 16. RANGEL, Socorro. esperança de vida, medo da morte... Campina Grande: UFPb/DHG, 1988.
 17. cf.: nota 12.
 18. BARROS, E. op cit.
 19. cf.: nota 6.
 20. Em 1992, quando fizemos a pesquisa cujo resultado é este trabalho os valores variavam entre Cr\$ 500,00 e Cr\$ 50,00.
 21. VIDAL, Liberato. **depoimento ao autor**. Campina Grande, jan/1992.
 22. idem.
 23. A maior era a Associação de Moradores das Malvinas. A menor, a SAB do Jardim Quarenta.
 24. BARBOSA, E. op cit.
 25. idem.
 26. ib idem.
 27. MEDEIROS, M.. **depimentos ao autor**. Campina Grande, mai/1992.
 28. BARBOSA, E.. op cit.
 29. Trata-se da chamada Ponte de Santo Antonio, localizada nos cruzamentos da Avenida Canal com a rua Santo Antonio, no bairro de Santo Antonio.
 30. Newton Rique foi prefeito de Campina Grande de 1963 a abril de 1964, quando foi cassado pela ditadura militar.
 31. MEDEIROS, M. op cit.
 32. Livro de Atas, SAB do Quarenta, 1985.
 33. Idem.

34. Cf.: nota 6.
35. Essas são as duas principais instâncias administrativas das associações comunitárias.
36. Principalmente, após 1985, quando da eleição de Tancredo Neves, do PMDB, para presidente da República.
37. RAMALHO, José Rodoval. **Nem sempre ganhado nem sempre perdido, mas sempre aprendendo a jogar...** Campina Grande: UFPB/ DSA, 1988. (mimeo).
38. BARBOSA, E.. op cit.
39. RAMALHO, J. R. op cit.
40. idem.
41. MEDEIROS, Wanderley. **Eleições na UCES**. Campina Grande: Jornal da Paraíba, 26 de junho de 1992.
42. BALTAZAR, Manoel. **depoimento ao autor**. Campina Grande, mar/ 1992.
43. OLIVEIRA, Jairo. **depoimento ao autor**. Campina Grande, ago/ 1992.
44. MEDEIROS, W.. op cit.
45. idem.

. Bibliografia

- . BARBOSA, Eronildo. **A origem do movimento comunitário campinense**
Campina Grande: UFPb/DHG, 1985. (mimeo.)
- . BARROS, Edgar. **Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Contexto, 1990.
- . BRAGA, Elza M. F. & BARREIRA, Irllys A, F. (coord.) **A política da escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.
- . CARDOSO, Ciro F.. **Uma introdução à história**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- . CARR, Eric H. **Que é história?** 6ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- . HOLANDA, Heloísa B de. & GONÇALVES, Marcos A.. **Cultura e participação nos anos 60**. 8ªed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- . LOPEZ, José R.. **História do Brasil contemporâneo**. 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- . MENDES Jr., Antonio. **Movimento estudantil no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- . PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Perfil do município**. Campina Grande:COPLAN, 1984.
- . RAMALHO, José R.. **Nem sempre ganhando nem sempre perdendo, mas sempre aprendendo a jogar**. Campina Grande: UFPb/DSA, 1988 (mimeo)

- . RANGEL, Socorro. **Medo de morte, esperança de vida: as ligas camponesas no imaginário camponês**. Campina Grande: UFPb/DHG, 1988 (mimeo).
- . SILVA, Iranise A.. **A crise da moradia**. Rio de Janeiro: AGIR; João Pessoa: UFPb, 1987.

Jornais: Diário da Borborema

1991

- 30.12 - Bairro do Mirante: Casas de luxo contrastam com lixo e buracos
- 23.12 - Ana Amélia Vilar: Nova denominação para velhos problemas
- * 17.12 - Malvinas: Há oito anos sem solução para seus problemas
- 16.12 - Lixo e buracos infernizam bairro do Quarenta
- 09.12 - Moradores do bairro Jardim Continental sofrem com lixo, lama, buracos, mato e escuridão
- 25.11 - Barbárie: a dura realidade do bairro do Tambor
- 11.11 - Moradores do conjunto Severino Cabral reivindicam melhorias
- 10.11 - Moradores reclamam do lixo jogado no Canal das Piabas
- * 28.10 - Bodocongô: desprezado pelo poder Municipal é o retrato fiel dos bairros campinenses
- 21.10 - No Santa Rosa, até prédios municipais são abandonados
- 07.10 - Catingueira: um bairro inteiro abandonado
- 30.09 - Rosa Cruz: drama de quem vive com esgoto a céu aberto
- 16.09 - Catolé: lixo e lama entre conjuntos residenciais
- 16.09 - Família Lima Duarte domina o tráfico e aterroriza quem não aceita as leis (Pedregal - o reino dos "Guinês")
- 01.09* - Jeremias: um bairro inteiro abandonado; lixo, mato, lama e falta de urbanização
- 26.08 - Alto Branco: lixo, escuridão e insegurança são constantes nas ruas do "bairro dos contrastes".
- 25.08 - Nos bairros, Cássio vê os problemas e define prioridades da Prefeitura
- 21.08 - Buraco quase "engole" ônibus no Jardim 40
- 19.08 - A República do desespero" - Mato, lixo, buracos e lama infernizam moradores do bairro de José Pinheiro
- 13.08 - Comunidade da Ramadilha II pede melhorias
- 10.08 - Máquinas da Prefeitura voltam a destruir plantações no Velame
- 01.08 - Chuvas deixam as "Malvinas" com suas ruas intransitáveis
- 28.07 - Moradores do bairro de Bodocongô denunciam descaso com urbanização
- 17.06 - Descaso da Prefeitura revolta os moradores de José Pinheiro

1990

- 30.11 - Comunidade das 'Malvinas' exige melhorias na Câmara
- 29.11 - Comunitários ocupam hoje Tribuna Livre
- 23.11 - LBA intervém em SAB que cobrava taxa
- 12.11 - Ocupação da Ramadinha II é comemorada com festas
- 31.10 - Moradores do Catolé fazem protestos contra falta d'água
- 14.10 - SAB do Santa Rosa faz festa para as crianças
Festas das Comunidades no Monte Castelo dia 19
- 10.10 - Ramadinha II comemora os quatro anos de ocupação
- 22.09 - Sem perder tempo
- 02.09 - Horta comunitária festeja 7º aniversário
- 17.08 - SAB encerra debates com candidatos proporcionais
- 25.07 - Moradores da Ramadinha exigem direitos à Cagepa
- 04.07 - SAB do 40 desencadeia 'guerra' contra o lixo
- 08.06 - Moradores vão ocupar tribuna
- 06.06 - Moradores fazem celebração religiosa em plena avenida
- 23.05 - Sectarismo / Atrelamento
- 05.05 - Moradores do Bairro das Nações fazem protesto
- 30.04 - Trabalhadoras domésticas querem garantir conquistas
- 26.04 - Jeremias: um bairro abandonado
- 10.04 - TELPA instala posto de Serviço em Santa Rosa
- 25.03 - 'Malvinas' encerra comemoração
- 17.03 - Moradores festejam sétimo aniversário das Malvinas
- 03.03 - Comissão exige o aterro do barreiro 'Caqueado'
- 14.02 - Moradores do Bairro do 40 criticam acúmulo de lixo
- 14.02 - Moradores do Catolé solidários com família que perdeu moradia
- 09.02 - Moradores do Catolé protestam falta de segurança no 'Caqueado'
- 07.02 - 'Malvinas' repudia estado de abandono do posto médico
- 16.01 - Posto médico enfrenta uma série de problemas
- 04.01 - Moradores do Pedregal quebram a marretadas cano da Cagepa

1989

- 13.12 - Campinenses vão às ruas e participam de protesto

- 12.12 - Passeata quer reunir 20 mil pessoas
- 07.12 - População protesta contra falta d'água
- 06.12 - População vai protestar em praça pública a falta d'água
- 04.12 - Associação elabora documento que mostra as condições das Malvinas
- 14.10 - Moradores do Mutirão pedem apoio dos edis campinenses
- 13.10 - Santa Rosa realizará VII noite da Cultura
- 13.10 - Moradores discutem na Câmara problemas de sua comunidade
- 28.09 - Por pouco, câmara não é invadida
- 22.09 - Moradores interditam rua: Catolé
- 22.09 - Moradores do Catolé fazem protesto fechando artéria
- 22.09 - Ramadinha II é vinculada à União de Equipes Sociais
- 13.09 - Comunitários irão fazer manifesto
- 13.09 - Moradores vão à rua em protesto
- 07.09 - Associação empossa diretores no sábado
- 07.09 - Unidade médica de SAB é inaugurada
- 07.09 - Comunitários já querem a tarifa de NCz\$ 0,45
- 29.08 - Malvinas já tem novos dirigentes
- 27.08 - Associação das Malvinas realiza eleições hoje
- 24.08 - Comunidade reclama maior atenção da Administração
- 13.08 - Pais de alunos querem solução para as Malvinas
- 10.08 - Malvinas realizará eleições
- 30.07 - Moradores da Palmeira reclamam da CAGEPA
- 27.06 - Comunidade quer mostrar sua força eleitoral e conseguir benefícios
- 21.06 - Patrão não respeita direito de doméstica
- 20.06 - 'Malvinas' exige a remoção de palhoção
- 09.06 - Comunidade denuncia descaso municipal
- 23.05 - Vereadores oficializam apoio para implantação da feira das Malvinas
- 21.05 - Ramadinha II ganha eletrificação hoje
- 21.05 - Ramadinha II: Cássio faz a primeira inauguração
- 21.05 - Malvinenses reclamam por melhorias
- 18.05 - Moradores do Jardim Verdejante suplicam abastecimento d'água
- 12.05 - Protestos e revolta no bairro do Jeremias

- 12.05 - Moradores da Ramadilha revoltados com mudança
- 03.05 - "Malvinas" vai ter feira livre
- 29.04 - Moradores das Malvinas reivindicam melhorias
- 14.04 - SAB empossará diretoria
- 11.04 - SAB da Ramadilha com nova diretoria empossada
- 04.04 - DENTUR faz reunião com SABs
- 28.03 - Ramadilha tem processo eleitoral indefinido
- 26.03 - Associação da Ramadilha realiza eleições hoje
- 24.03 - Malvinas comemora aniversário
- 17.03 - Comunitário usa tribuna e desfere ataques pessoais
- 14.03 - Câmara vai vistoriar condições das Malvinas
Vereadores vão ver esgotos nas Malvinas
- 08.03 - Malvinenses discutem os problemas dos moradores
- 03.03 - Moradores das "Malvinas" acionam Governo do Estado
- 24.02 - Repensando as SAB's
- 20.02 - Presidente da SAB boicota as eleições para nova diretoria
Pleito na SAB de Monte Castelo sem incidentes
- 12.02 - SAB da Liberdade: posse no dia 18
- 12.02 - Eleições
- 11.02 - SAB denuncia irregularidades à SEAC
- 01.02 - Posse de SABs no dia 12
- 25.01 - SABs com novos dirigentes
- 24.01 - Esquentou
- 22.01 - SAB do 40 realiza eleições
- 18.01 - SABs escolhem novos presidentes
- 07.01 - Rocha Cavalcante" faz protesto contra descaso
- 04.01 - Programa cria problemas
Programa do Leite desviado nas SABs

1988

- 20.12 - População das Malvinas revoltada com carnes
- 15.12 - Mutuário protesta contra prestação
- 10.12 - Falta de infra-estrutura continua a torturar população das 'Malvinas'
- 15.12 - SAB realiza eleições domingo na Cachoeira

- 08.12 - Continua problema do Conjunto Malvinas III
- 06.12 - SAB:Sandra Cavalcanti com eleição articulada
- 04.12 - Festa Comunitária tem Continuidade
- 01.12 - Associação está preocupada com demissões de domésticas
- 17.11 - Comunidade revoltada com a Cagepa
- 14.12 - Quebra-quebra de Creche Municipal será remetido hoje para a Justiça
- 11.11 - Notificação frustra os moradores das Malvinas
- 08.11 - Ramadina II comemora aniversário com festa
- 02.11 - Ingerência política na distribuição de 'tickets' de leite gera atentado
- 01.11 - Ocupação da Ramadina completa 2º aniversário
- 27.10 - Moradores denunciam o descaso público
- 19.10 - Moradores das "Malvinas" querem uma feira livre
- 06.10 - Moradores de avenida revoltados com a Cagepa
- 24.09 - Revolta leva moradores do 40 a denificarem tubulação
- 23.09 - Moradores do Jeremias ameaçam quebrar escadarias do bairro
- 15.09 - Comunidade se recusa a pagar água à Cagepa
CAGEPA: comunidade boicota
- 14.09 - Esgoto aberto revolta os moradores
- 10.09 - Moradores da Vila Cabral aguardam resposta da Cagepa
- 09.09 - Ramadina e os seus problemas
- 09.09 - "Ramadina II" enfrenta problemas
- 09.09 - "Malvinas" continua abandonada
- 03.09 - Abusos da CAGEPA recebem reações popular
- 03.09 - Protesto chega até ao escritório da CAGEPA
- 02.09 - Povo vai hoje às ruas em protesto contra a CAGEPA
- 01.09 - Povo vai às ruas para protestar contra a Cagepa
População protesta amanhã contra a Cagepa
- 31.08 - Favelados fazem manifestação e terminam presos
- 06.08 - Moradores cobram rede de esgoto para "vila"
- 04.08 - Santa Rosa no Jornal dos Bairros
- 20.07 - Moradores reclamam abandono
- 13.07 - Nas "Malvinas" população faz apelos
- 12.07 - SAB reivindica ônibus rodando até o Terminal

- 03.07 - SAB de Monte Castelo vai celebrar os seus 25 anos de fundação
- 21.04 - Comunidade ameaça interditar ruas no bairro do Jeremias
- 06.04 - CEHAP nega
- 25.03 - Malvinas recomeça a briga com o Governo
- 24.03 - Nas Malvinas, invasão é comemorada
- 27.02 - "Invasores" ainda festeja
- 26.02 - Moradores protestam por entupimento de canal

1987

- 29.08 - Duas chapas "brigam" pela A. de Moradores do Conjunto Malvinas
- 11.08 - Conflito na "Ramadinha II"
- 15.05 - Programa do Leita já divide SAB's
- 07.05 - Campanha educativa está sendo realizada em SAB's
- 13.03 - Mutuária é despedida de sua casa no Conjunto "Malvinas"

1986

- 17.10 - Moradores das "Malvinas II" sem energia há 5 meses
- 27.08 - Famílias lutam por moradias simbolizando a paz
- 18.04 - SAB faz ato contra clima de violência

1985

- 01.03 - Despejo e violência ontem nas "Malvinas"

1984

- 31.10 - Moradores de Santa Rosa e Bodocongõ apelam ao Prefeito
- 30.04 - Eleita Associação de moradores das Malvinas
- 03.04 - SABs apelam a Enivaldo

1983

- 10.07 - "Malvinenses" voltam a denunciar Cehap
- 27.04 - SAB ministra seminário sobre Leis Trabalhistas

1982

- 19.08 - Moradores da Vila Cabral fazem passeata de protesto
- 27.05 - Habitantes da Vila Cabral querem terreno que ocupam
- 17.04 - Morador de Santa Rosa denuncia presidente da SAB
- 05.04 - Moradores do Jeremias solicitam melhorias
- 05.02 - Impugnada eleição de vice-prefeito na SAB de J. Pinheiro
- 30.01 - PNDB e PDS disputam eleições nas SABs
- 19.01 - Lixo gera protestos no Bairro de Rosa Cruz
- 08.01 - Eleições movimentam as SABs de Campina
- 07.01 - Representantes das SABs participarão de Encontro nacional em S. Paulo
- 05.01 - Desprezado, o bairro de Santa Rosa pede Socorro

1981

- 13.10 - Eleições nas SAB's é um eterno continuísmo
- 29.08 - Wandilson fará palestra nos 15 anos da SAB da Palmeira
- 26.08 - Líder condena que usam a SAB para fins políticos
- 29.07 - SAB do "Médici" pede uma galeria
- 05.07 - SAB reivindica melhoramentos para o "Médici"

1980

- 27.11 - Moradores de J. Pinheiro pedem conclusão do Esgoto e criticam Presidente da SAB
Loteamento Araxá quer transportes coletivos
- 18.11 - Comissão do Pedregal pede benefícios ao Prefeito
- 06.11 - Diálogo/Injusto/Corrigir/Pilhéria
- 10.10 - Conjunto inaugura sábado sua Sociedade de Amigos
- 24.08 - Ex-dirigente da SAB assegura que a UCES é reduto político de Enivaldo
- 17.08 - Moradores do Lucas revoltados com determinação da Prefeitura
- 29.07 - Moradores do Lucas voltam a criticar Roberto Cabral
- 18.07 - Roberto Cabral expulsa moradores do Lucas e Quixaba do seu gabinete
- 11.07 - Padre Carlos recebe apoio de 23 entidades
- 21.06 - Moradores de José Pinheiro aprovados com os detritos
- 14.06 - Pedregal terá urbanização

- 16.05 - Comissão da Favela do Pedregal vai à Câmara
.05 - Dirigentes de SABs serão candidatos a vereador
03.05 - SAB presta homenagem a Enivaldo Ribeiro
16.04 - SAB homenageia Ivandro
05.02 - Carnaval na SAB de M. Castelo
01.02 - Diretores da SAB de M. Castelo vão a Burity no dia 10

1978

- 16.12 - Habitantes do Pedregal fundam Sociedade de Amigos de Bairro

1961

- 03.08 - Moradores do Alto Branco fazem advertência ao Pref. Severino Cabra.

1960

- 25.02 - Comissão do Bairro de São José visitou redação do Diário